



Sesc^{tv}

Abril/2015 – edição 97
sesctv.org.br/aovivo

DOCUMENTÁRIO
**A CULTURA
AMAZÔNICA
DOS BARÉ,
O POVO DO RIO**

ENTREVISTA
MARINA ABRAMOVIC,
PERFORMANCE
E AUDIOVISUAL

MÚSICA
TRIBUTO A
WALY SALOMÃO



musical

David Murray

convida

Macy Gray

dia 29/4

QUARTA

22h



Foto: Guadalupe Ruiz

Assista em sesctv.org.br/aovivo



/SESCTV

INTERCÂMBIO ENTRE POVOS

A compreensão de processos históricos na formação de povos e territórios é essencial para a construção, reconhecimento e fortalecimento de uma identidade cultural. O contato com o outro nem sempre é simples, mas nos permite enxergar diferenças e semelhanças que ajudam a compreender nossa própria identidade e papel social. Nesse sentido, muitas narrativas documentais agem como facilitadoras desse encontro, através do registro de imagens e informações que contribuem para o descobrimento e manutenção de culturas diversas.

Na tentativa de resgatar a cultura dos Baré, quase extintos pelo contato violento com o homem branco, o Sesc São Paulo desenvolveu o projeto *Baré: povo do rio*, uma rica pesquisa etnográfica que culminou na produção de um livro, publicado pelas Edições Sesc São Paulo, e documentário inédito, dirigido por Tatiana Toffoli, sobre hábitos e crenças da etnia, que o SescTV exhibe neste mês. Tradições também são temas de *Pernambucanos - O Caribe Que Nos Une*. Dirigido por Nilton Pereira, o filme promove o intercâmbio cultural entre Cuba e Pernambuco, mostrando que há muito em comum entre as duas regiões. O episódio *Povos da Terra*, da série CurtaDoc, também trata de questões territoriais, em dois trabalhos que discutem conflitos indígenas na América Latina.

Na programação musical, Gal Gosta, Jards Macalé e Lira se unem a outros músicos brasileiros e prestam tributo aos 70 anos do poeta Waly Salomão, no show *Waly Salomão – Poesia Total*.

A **Revista do SescTV** deste mês entrevista a artista sérvia Marina Abramovic, em uma conversa sobre a relação entre performance e audiovisual. O artigo do antropólogo manauara José Ribamar Bessa Freire discute a abordagem da mídia acerca dos povos indígenas, no século XXI. Boa leitura!

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do Sesc São Paulo

CAPA: Documentário *Baré: Povo do Rio*
Foto: Pisco Del Gáiso

ÍNDICE

DESTAQUES DA PROGRAMAÇÃO 4

ENTREVISTA – Marina Abramović 8

ARTIGO – Jose Ribamar Bessa Freire 10

O povo que veio do rio

FOTO: PISCO DEL GAISO



Ao longo do Rio Xié e alto curso do Rio Negro, no Noroeste da Amazônia, vivem aproximadamente 10.600 barés. Oriundos da família linguística aruak, já não falam mais seu idioma original, desaparecido por volta de 1950. Falam nheengatu, língua introduzida por jesuítas no século XVIII, e português, difundido a partir de 1914 entre os povos da região. “Antigamente, os baré sabiam sua língua. Eles falavam até morrerem nossos pais. Meu pai morreu e meus irmãos já não falam baré, só falam nheengatu. Eles queriam falar a língua dos brancos. Por isso, eu não sei falar baré”, conta um dos membros do grupo.

Divididos em comunidades, como Iabi, São Francisco, Cué-cué, Acariquara, Cartucho, Canafé, Tabocal dos Pereiras, Campinas do Xié e Campina do Rio Preto, vivem às margens do rio e tiram dele proveito para suas atividades: transporte, lazer, higiene pessoal, pesca e preparação de alimentos. “A gente usa muitos tipos de feitoria no peixe. Cozido, assado, cozido no tucupi, mujeca... Tudo peixe. Isso é típico dos baré”, contam. Além da pesca, praticam agricultura de subsistência, com mandioca, abacaxi, batata, banana, cana, caju. Fazem farinha, beiju e tapioca, entre outros pratos.

Apesar do contato com o homem branco, os baré ainda mantêm vivas tradições, como o *kariamã*, rito masculino de iniciação para a vida adulta, onde são repassados conselhos e ensinamentos sobre como viver na floresta. Os jovens passam uma semana em jejum, isolados do restante do grupo, e aprendem a fazer utensílios, caçar e tocar seus instrumentos sagrados, os xerimbabos. “É proibido ver, pode gravar o som, mas não (pode) ver”, alertam sobre o ritual secreto. Ao final,

a comunidade se reúne em um momento de expiação para tirar o *saruãsa* do corpo com uma surra de adabi, vara trançada com fiapos de palmeira. “Nós somos católicos e na igreja dizem que temos pecados. Para poder ter o espírito e o corpo bem limpos, tem que se confessar com o padre”, compara um dos baré. “Para nós, o *saruãsa* é da mesma forma. Todos nós temos esse *saruãsa*. Então, a gente tira com benzimento, com surra”. Os que se recusam a participar põem em risco a tradição. Para os mais velhos, isso mostra que alguns não querem mais saber das histórias de seu povo, e reforçam: “Não podemos trocar nosso sangue pelo sangue do branco. Não podemos trocar nossa etnia”.

Os costumes do grupo, seus ritos e crenças foram captados pela diretora Tatiana Toffoli no filme *Baré: povo do rio*, que o SescTV exhibe neste mês. O documentário é parte do projeto homônimo elaborado pelo Sesc, que resultou ainda na publicação de um livro pelas Edições Sesc São Paulo.

INFLUENCIADOS PELO HOMEM BRANCO, OS BARÉ JÁ PERDERAM SEU IDIOMA E LUTAM AGORA PARA MANTER VIVA SUA HISTÓRIA ATRAVÉS DE CRENÇAS E RITOS

▶ DOCUMENTÁRIO

Baré: Povo do Rio

Dia 19/4, 22h30 **L**

Bem-vindo ao Caribe Cultural

FOTO: DIVULGAÇÃO



Com aproximadamente 11 milhões de habitantes, Cuba é o país mais populoso do Caribe, na América Central. Seu povo foi formado a partir da mistura de povos pré-colombianos com um pouco do sangue espanhol dos colonizadores e muito do sangue negro dos escravos africanos. O Brasil passou por semelhante processo de formação, como colônia de exploração. Durante o processo histórico, a partir da colonização portuguesa, o território brasileiro foi dividido em capitanias hereditárias, como a Capitania de Pernambuco, que compõe o atual estado nordestino, um pouco menor e menos populoso que a ilha cubana, mas com similaridades que vão além da geografia, do clima tropical e da relação com o mar.

As identidades culturais e religiosas de Cuba e Pernambuco têm matriz africana. Semelhanças como essas são vistas através dos olhares da atriz e diretora de teatro cubana Fatima Patterson e da artista e mãe de santo pernambucana Bete de Oxum, no documentário *Pernamcubanos - O Caribe Que Nos Une*. O filme registra a viagem e as descobertas da cubana no Brasil e da brasileira em Cuba, uma rica troca de experiências que destaca afinidades entre o povo e a cultura cubana e pernambucana, principalmente nas manifestações mais populares como a religião, as festas, a linguagem e o folclore.

A origem negra comum é reconhecida nos costumes e na música local, com o maracatu, a conga e o rap. A cultura africana também está presente na espiritualidade dos dois povos, a partir do candomblé e do vodú. Bete de Oxum se admirou com o que viu na ilha.

“Mesmo com todo esse processo em Cuba, na questão do comunismo, a autoestima em relação à religiosidade aqui é algo que impressiona”. A artista cubana explica que a religiosidade faz parte da cultura do homem e a Revolução Cubana, consciente disso, permitiu uma abertura religiosa. “A Igreja Católica era hegemônica. Nós somos um povo católico, mas tudo se misturou. As culturas populares são as protagonistas. A Revolução é um fenômeno cultural que deu uma abertura ao povo. A Revolução não perseguiu a religião”.

Filmado em Recife, Olinda, Nazaré da Mata, e em Santiago de Cuba, Baracoa, Guantánamo, Barrancas, Sierra Maestra e Matanzas, o documentário traz o conceito de um Caribe Cultural, muito maior do que o geográfico, formado por pessoas com origens e histórias que se assemelham e entrecruzam. *Pernamcubanos - O Caribe Que Nos Une* tem direção de Nilton Pereira.

SEMELHANÇAS SOCIOCULTURAIS ENTRE CUBA E PERNAMBUCO UNEM HISTÓRIAS E FORMAM UM TERRITÓRIO CULTURAL ALÉM DOS LIMITES GEOGRÁFICOS

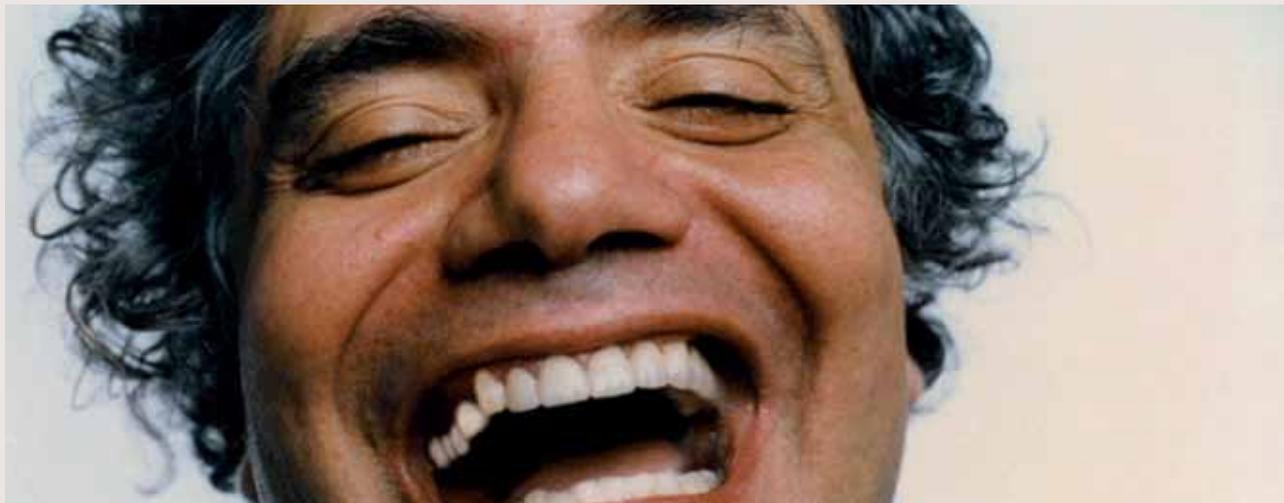
▶ DOCUMENTÁRIO

Pernamcubanos
O Caribe Que Nos Une

Dia 11/4, 22h, **L**

Tributo Total

FOTO: CARLOS NADER



Baiano, nascido em Jequié, em 1943, filho de pai sírio e mãe sertaneja, Waly Dias Salomão se formou em Direito, estudou nos Estados Unidos, mas foi no Brasil que encontrou sua poesia e força tropicalista para se tornar um dos principais ícones da contracultura do país. Publicou livros premiados, como *Algaravias*, em 1997, foi ator, compositor e fez grandes parcerias com os amigos Jards Macalé, Torquato Neto, Gilberto Gil, entre outros, que até hoje sentem a falta da energia criativa de Waly, morto em 2003. Suas canções foram interpretadas por importantes músicos brasileiros, entre eles Maria Bethânia, Caetano Veloso, Adriana Calcanhotto, Gal Costa e O Rappa.

Seu filho Omar Salomão, seguiu os mesmos passos do pai na arte, mas confessa que, quando pequeno, era difícil entendê-lo pelo turbilhão de coisas que fazia. No colégio, um dizia que o pai era arquiteto, o outro advogado, engenheiro, enquanto ele não sabia ao certo o que dizer. “Eu não sabia o que era direito. Dizia que meu pai era poeta, mas não tem a menor graça dizer que é poeta no colégio”. A cantora Gal Costa, que abrigou Waly em sua casa por um tempo, sempre o achou muito intenso. “Ele era tudo muito, tinha muitas ideias e com essa capacidade que tinha de inflar, insuflar gente, a gente acabava tendo ideias. Era delicioso trabalhar com ele e era uma adrenalina só”. O cantor pernambucano Lira se identifica com vários aspectos da poesia de Waly. “Eu acho que a poesia de Waly não tem como você conhecer sem deixar um pedaço de você pra ele. Tem essas características de ser um rio correndo. Ela começa e é como se jorrasse feito um vulcão. Tudo isso que jorra,

que corre, que transcorre, ecos que se interpretam, como ele mesmo fala”.

Depoimentos como o de Omar, Gal e Lira somam-se a tantos outros de companheiros e admiradores, e enriquecem o show **Waly Salomão – Poesia Total**, que o SescTV exibe neste mês, gravado no Sesc Vila Mariana em 2014, ano em que o poeta completaria 70 anos. No repertório, as canções *Vapor Barato*, *Dona de Castelo*, *Reverendo Amigos*, *Talismã*, *Mel*, *Anjo Exterminador*, *Musa Cabocla*, *Zé Pelintra*, *Olho de Lince*, *Alteza*, *Negra Melodia* e *Mal Secreto* são interpretadas por Gal Costa, Jards Macalé, Lira, Botika, Hélio Flanders e Gustavo Galo, acompanhados dos músicos Guilherme Monteiro, na guitarra, Bruno de Lullo, no baixo, e Domenico Lancelotti, na bateria. O show ainda conta com a leitura das poesias de Waly feitas por Lira. A direção musical é de Domenico Lancelotti, direção artística de Omar Salomão e Marcus Preto, e a direção para TV é de Daniela Lombardi Cucchiarelli.

GAL GOSTA, JARDS MACALÉ, LIRA E HÉLIO FLANDERS HOMENAGEIAM WALY SALOMÃO, ÍCONE DA CONTRACULTURA BRASILEIRA, EM UM SHOW REPLETO DE MÚSICA E POESIA

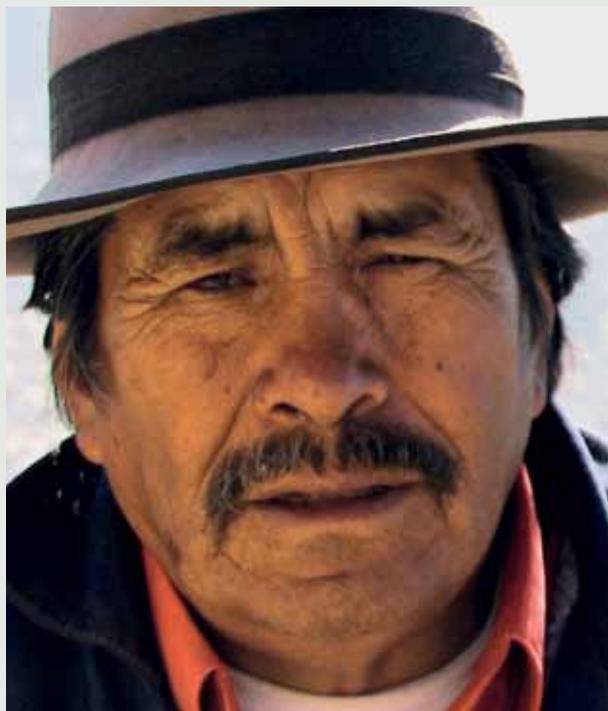
▶ MÚSICA

Waly Salomão – Poesia Total

Dia 15/4, 22h, **L**

Uma questão de terra

FILME LONGE DE CASA. FOTO: DIVULGAÇÃO



Os povos latino-americanos têm em comum a herança de um processo civilizatório baseado na exploração da terra e dominação pelo homem branco. Hoje, na América Latina, centenas de etnias buscam compreender suas histórias em meio a batalhas e perdas ainda no século XXI. Grupos étnicos sofrem com a restrição territorial e usurpação de terras ancestrais, e se esforçam contra a invisibilidade imposta a sua causa.

Para levar luz ao tema, o episódio *Povos da Terra* exhibe dois curtas-metragens brasileiros sobre a situação atual de povos indígenas latino-americanos. A cineasta chilena Paola Castillo comenta as obras e considera o tema crucial para o entendimento da realidade no continente. “O cinema indígena ainda é uma temática socialmente forte, muito demandada porque nos permite ouvir essas vozes que não se ouvem nos meios de comunicação, nem nos jornais de nenhum lugar”. Para Castillo, o mundo do cinema ainda não se voltou para a causa de maneira eficiente. “A temática indígena ainda precisa construir uma linguagem audiovisual muito mais potente e artística. Temos essa dívida, de não apenas ver o tema, mas de ver as possibilidades de fazer um filme mais artístico a partir desse tema”.

Em *Mapuche – Gente da Terra*, os jovens Fábio Alkmin, Fernando Silva, Jamila Venturini e Tom Laterza fazem um registro de viagem pela Cordilheira dos

Andes, na região da Patagônia chilena e a argentina. Nessa jornada, estudiosos e moradores alertam sobre questões territoriais envolvendo os mapuches, no Chile, e outras etnias na região de Chubut, na Argentina. As mobilizações desses povos são constantemente abafadas em conflitos violentos. Eles são expulsos de suas terras para que corporações multinacionais explorem economicamente o solo e os recursos naturais, com permissão do governo. “O mercado gere toda a vida da sociedade em seu conjunto, até os mínimos detalhes”, analisa o antropólogo chileno Alejandro Herrera sobre a política de seu país. O ambientalista argentino Manolo Macayo reforça o protesto de seu vizinho. “Nossa civilização ocidental é uma civilização de apropriação de território, de apropriação de bens. É uma civilização de materialismo e de consumo”.

O curta *KinOpoÉTicaS* é dirigido por Katari Kamina e discute três momentos importantes para a conquista de direitos dos grupos indígenas oprimidos em El Alto, região metropolitana de La Paz: o movimento indígena de 1781, encabeçado por Tupaj Katari, como forma de resistência à dominação espanhola e tentativa de criação de uma nação Aymara independente; a revolução nacionalista indígena de 1952, rebelião popular que garantiu direitos de voto, educação aos povos aymaras e quechuas, reforma agrária e nacionalização dos recursos naturais do país; e as recentes revoltas indígenas comandadas por Felipe Quispe, que conseguiram depor três governantes bolivianos entre 2000 e 2005 e exigir questões relacionadas ao direito da terra, a valorização das etnias e dos recursos naturais do país. O programa CurtaDoc tem direção de Kátia Klock.

A IMPORTÂNCIA DE DISCUTIR CONFLITOS INDÍGENAS, DANDO VOZ AOS OPRIMIDOS.

▶ CURTADOC

Terças, 21h

Cinema e Identidade

Dia 7/4, 14

Povos da Terra

Dia 14/4, 12

Vidas de Cuba

Dia 21/4, 12

Razão e Loucura

Dia 28/4, L

Seja como for, a artista está presente

FILME TERRA COMUNAL. FOTO: MARCO DEL FIO



MARINA ABRAMOVIĆ é uma artista performática. Nascida em 1946, em Belgrado, ex-Iugoslávia e atual Sérvia, iniciou sua carreira no início dos anos 1970 explorando as relações entre o artista e o público, os limites do corpo e as potencialidades da mente. Sua trajetória foi documentada pela HBO no filme *The Artist is Present*, registro da montagem e desenvolvimento da exposição homônima realizada pelo Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMA). No Brasil até maio, Marina participa de *Terra Comunal Marina Abramovic + MAI*, uma retrospectiva de sua carreira realizada em parceria com o Sesc São Paulo, com instalações, vídeos, fotos, além de encontros com a artista, em cartaz no Sesc Pompeia. Marina finaliza ainda um novo documentário, *Terra Comunal*, sobre suas experiências místicas no país.

QUANDO VOCÊ DECIDE SER ARTISTA, VOCÊ PRECISA SABER QUAIS FERRAMENTAS VAI USAR E QUAIS SÃO AS MELHORES PARA EXPRESSAR SEU TRABALHO

A força de seu trabalho está no contato direto e imediato estabelecido com o público, contudo grande parte de sua obra está registrada em vídeo. Qual a relação entre a performance e o vídeo?

Para mim, a performance será sempre meu trabalho artístico e o vídeo a documentação desse trabalho. Entretanto, o vídeo também pode existir como uma forma de arte. Você tem sempre de dividir essas duas coisas de modos diferentes. A performance quando documentada em vídeo não está no seu espaço ideal porque a câmera é algo secundário, o público tem de ser o foco principal. Nesse caso, o material que temos do registro em vídeo de uma performance terá sempre menos qualidade e impacto do que a performance original. Mas se o artista pensa e realiza sua performance diretamente para a câmera, então você tem um trabalho diferente de arte, não será apenas uma documentação. Por isso são duas categorias diferentes.

De que forma o vídeo está inserido em seu trabalho?

Eu sou muito interessada em documentar minhas boas performances. Quando eu tenho uma ideia para um trabalho, eu também me empenho muito para achar a posição exata da câmera. Gosto de explorar as melhores possibilidades, não apenas do ponto de vista do público, mas também para uma gravação. No documentário *The*

Artist is Present, a performance no MoMA foi concebida para ser presencial, mas foi também registrada em tempo real. Temos 712 horas de material bruto. Você pode ver a versão editada, no filme, e ainda uma não editada, nas galerias. No vídeo, você assiste ao público participando da performance e assim, pode imaginar, ao menos, como foi a experiência real.

Você já foi dirigida no palco por Bob Wilson, já participou de videoclipes e teve sua vida documentada no cinema. Sua experiência artística também contempla outras artes cênicas. Como você se relaciona com elas?

Teatro, cinema, performance são formas de arte diferentes e eu, na verdade, gosto bastante de poder transitar entre essas possibilidades artísticas. Quando você decide ser artista, você precisa saber quais ferramentas vai usar e quais são as melhores para expressar seu trabalho. Para ser um artista de performance, você precisa ter um estado de espírito carismático, você precisa gerar carisma para as pessoas que estão ao redor. Isso é algo específico na performance porque você lida diretamente com o público. A má notícia é que você não tem como aprender isso, tem de ter isso naturalmente. A performance é feita para o público presente, um não vive sem o outro, estão relacionados diretamente. O performer dá energia para o público e o público dá energia ao performer. A minha relação com o vídeo, o cinema, o teatro, a música, a moda e outros tipos de arte é muito simples. Eu divido o mundo todo em 2 categorias: os originais e aqueles que seguem. Eu estou interessada em tudo o que é original, seja nas artes, na ciência ou em qualquer outra área, eu não me importo.

O que a levou a transformar sua experiência mística no Brasil em um projeto audiovisual?

Fiz aqui uma jornada realmente experimental, testando a mim em diferentes tradições, culturas e crenças brasileiras. Viajei por diversos lugares no Brasil, pesquisando comunidades espirituais, pessoas e campos de poder e natureza. Conheci João de Deus, em Goiás, o Vale do Amanhecer e os cristais de Minas Gerais, os xamãs da Chapada Diamantina, o candomblé da Bahia. Durante toda essa caminhada, ganhei inspiração, ganhei ideias e todo esse processo se finaliza com a exposição *Terra Comunal*, quando compartilho com o público meu método Abramovic. Assim, tudo estará conectado e eu quero levar o resultado dessa experiência a mais pessoas com o filme. A princípio, o documentário se chamaria *A Corrente*, mas foi rebatizado com o nome da exposição porque decidimos concluí-lo ao fim da mostra, registrando a participação do público que visitou o evento e vivenciou o método.

FOTO: ADAUTO PERIN



Por onde transitará depois do projeto *Terra Comunal*?
Pelo cinema. Estou preparando um filme completamente novo que se chama *As Setes Mortes*, dedicado à Maria Callas, uma de nossas maiores cantoras líricas no século XX. Convidei sete diretores diferentes para dirigir cada uma das mortes em uma ópera, porque em toda ópera uma mulher morre. Então, eu vou morrer sete vezes e a pessoa que vai me matar será o ator Willem Dafoe. Um dos diretores, inclusive, será Alejandro González Iñárritu, entre outros que terão diferentes visões da mesma morte. Esse é um dos grandes projetos em que estou trabalhando.

**EU DIVIDO O MUNDO TODO EM
2 CATEGORIAS: OS ORIGINAIS
E AQUELES QUE SEGUEM.
EU ESTOU INTERESSADA EM
TUDO O QUE É ORIGINAL, SEJA
NAS ARTES, NA CIÊNCIA OU EM
QUALQUER OUTRA ÁREA**

Os Índios do Século XXI

O Rio de Janeiro continua índio 450 anos depois de sua fundação, mas nenhum guarani foi convidado para a festa de aniversário. No dia 1º de março, nenhum índio soprou a velinha do tradicional bolo de quase meio quilômetro que a Sociedade dos Amigos da Rua da Carioca fez para festejar os 450 anos da cidade, como parte da programação que prevê, ao longo do ano, a realização de 600 atividades: conferências, seminários, projeções, exposições, missa, performances, teatro, orquestras, bandas, salva de tiros, regata... Os índios, porém, estão ausentes de quase todas e da própria mídia, embora estejam presentes na história carioca, a passada e a atual.

A mídia, como regra geral, prefere folclorizar a figura do índio. Em pleno século XXI, jornais ainda estranham o fato de índios usarem iPhone, como se isso fosse algo inusitado. Desta forma, congelam as culturas indígenas e reforçam o preconceito que enfiaram na cabeça da maioria dos brasileiros de que essas culturas não podem mudar e, se mudam, deixam de ser "autênticas".

A imagem midiática do índio "autêntico" é a do índio nu ou de tanga, no meio da floresta, de arco e flecha, tal como foi visto por Cabral e descrito por Caminha, em 1.500. Essa imagem ficou congelada por mais de cinco séculos. Qualquer mudança nela provoca estranhamento.

Quando o índio não se enquadra nessa representação que dele se faz, surge logo reação: "Não são mais índios". O "índio de verdade" é o "índio de papel", da carta do Caminha, que viveu no passado, e não o "índio de carne e osso" que convive conosco, que está hoje no meio de nós.

Na realidade, trata-se de manobra interesseira. Se o índio é destituído de sua identidade, nega-se a ele o direito, garantido pela Constituição de 1988, do usufruto de suas terras - consideradas juridicamente propriedades da União. Nega-se a identidade indígena aos que hoje as ocupam. Se são ex-índios, então não têm direito à terra.

Criou-se, através dessa manobra, uma nova categoria até então desconhecida pela etnologia: a dos "ex-índios". Uma categoria tão absurda como se os índios tivessem congelado a imagem do português do século XVI e considerassem o escritor José Saramago ou o jogador Cristiano Ronaldo como "ex-portugueses", porque eles não se vestem da mesma forma que Cabral, não falam e nem escrevem como Caminha.

O cotidiano de qualquer cidadão no planeta está marcado por elementos tecnológicos emprestados de outras culturas. A calça jeans, o paletó e gravata que vestimos não foram inventados por brasileiro. A mesa

e a cadeira na qual sentamos são móveis projetados na Mesopotâmia, no século VII a.C., daí passaram pelo Mediterrâneo, onde sofreram modificações antes de chegarem a Portugal, que os trouxe para o Brasil.

A máquina fotográfica, a impressora, o computador, o telefone, a televisão, a energia elétrica, a água encanada, a construção de prédios com cimento e tijolo, toda a parafernália que faz parte do cotidiano de um jornal brasileiro - nada disso tem suas raízes em solo brasileiro. No entanto, a identidade brasileira não é negada por causa disso. Assim, não se concede às culturas indígenas aquilo que se reivindica para si próprio: o direito de transitar por outras culturas e trocar com elas.

Foi o escritor mexicano Octávio Paz que escreveu com muita propriedade que "as civilizações não são fortalecidas, mas encruzilhadas". Ninguém vive isolado, fechado entre muros. Historicamente, os povos em contato se influenciam mutuamente no campo da arte, da técnica, da ciência, da língua. Tudo aquilo que alguém produz de belo e de inteligente em uma cultura merece ser usufruído em qualquer parte do planeta.

Setores da mídia ainda acham que "índio quer apito". No currículo dos cursos de comunicação social que formam jornalistas, não circula qualquer informação sobre as culturas indígenas, que são vistas como algo do passado. O antropólogo Darell Posey, que trabalhou com os Kayapó, escreveu:

"Se o conhecimento do índio for levado a sério pela ciência moderna e incorporado aos programas de pesquisa e desenvolvimento, os índios serão valorizados pelo que são: povos engenhosos, inteligentes e práticos, que sobreviveram com sucesso por milhares de anos na Amazônia. Essa posição cria uma "ponte ideológica" entre culturas, que poderia permitir a participação dos povos indígenas, com o respeito e a estima que merecem, na construção de um Brasil moderno".

Esses são os índios do século XXI. A mídia olha para eles, mas parece que não os vê.

Jose Ribamar Bessa Freire é professor da Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

ÚLTIMO BLOCO

FOTO: PIU DIP



AFRO-ROCK INSTRUMENTAL

A interessante mistura do pós-rock, do jazz, da musicalidade africana e brasileira coloca os integrantes do HAB entre os artistas de vanguarda da música instrumental paulistana. Criada pelo guitarrista Guilherme Valério, a banda apresenta seu show gravado no Teatro Anchieta, em junho de 2014, que o SescTV exibe em primeira mão no dia **12/4**, na série Instrumental Sesc Brasil. Os shows inéditos de André Juarez & Le Petit Comité, no dia **5/4**, Fabio Peron, no dia **19/4**, e Rogério Rochlitz, no dia **26/4**, completam a programação do mês de abril. **Domingo, 21h.** Direção para TV: Max Alvim. **L**

FOTO: ALEX RIBEIRO



REALISMO FANTÁSTICO

Elogiado pela crítica austríaca após sua estreia em Viena, o espetáculo *Erêndira* é destaque no programa Dança Contemporânea, dia **3/4**. Concebida e dirigida por Ismael Ivo, a coreografia da Biblioteca do Corpo é inspirada na obra do colombiano Gabriel García Márquez e foi apresentada no Sesc Pinheiros, em 2014. O programa ainda traz os inéditos *Onde o Oposto Faz a Curva*, de Patrícia Árabe, e *Solo*, de Beatriz Sano, dia **10/4**; *O Homem Torto* e *Como Superar o Grande Cansaço*, de Eduardo Fukushima, dia **17/4**; *Exercício M*, de Movimento e de Maré, de Lia Rodrigues e Escola Livre de Dança da Maré, dia **24/4**. Direção para TV: Antonio Carlos Rebesco. **Sextas, às 21h.** Verifique classificação indicativa.

ARTE NORDESTINA

Vida e obra de artistas do Nordeste do Brasil são temas dos episódios deste mês da série Artes Visuais, no SescTV. A trajetória artística do cearense *Sérvulo Esmeraldo* é documentada nos programas dos dias **1 e 8/4**. Além de Esmeraldo, no dia **15/4**, o baiano *Marepe* comenta sua obra, a partir da exposição *Os Últimos Verdes* (2010), e fala sobre suas referências. Em **22/4**, o pernambucano *Paulo Bruscky* fala da retrospectiva de seu trabalho, na exposição *Banco de Ideias* (2012). O episódio de **29/4** faz uma visita ao atelier de *Nazareno*, mergulhando em sua arte em miniatura. **Quartas, às 21h30.** Direção: Cacá Vicalvi. **L**

POPULAR E FOLCLÓRICO

O universo das danças populares brasileiras é desvendado no programa Coleções. O *Xaxado*, ligado ao ciclo do cangaço, é tema do primeiro episódio da série, no dia **2/4**. A *Ciranda* traz as origens da dança de roda, os passos, a cantoria e a indumentária, no dia **9/4**. Em **16/4**, conheça a história e o enredo do *Caboclinho*, de origem indígena do Recife, festejado durante o Carnaval. O episódio de **23/4** apresenta a *Catira*, dança folclórica caipira brasileira, herança de portugueses e índios que teve adesão de tropeiros e boiadeiros. A tradição afro-brasileira e indígena do *Maculelê* é tema do dia **30/4**. **Quintas, 21h30.** Direção: Belisario Franca. Verifique classificação indicativa.

Para sintonizar o SescTV: Se você ainda não é assinante, consulte sua operadora. O canal é distribuído gratuitamente. Assista também em sesc.tv.org.br/aovivo.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente: Abram Szajman
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda



A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Coordenação Geral: Ivan Giannini

sescsp.org.br

Supervisão Gráfica e editorial: Hércio Magalhães
Redação: Adriana Reis e João Cotrim
Editoração: Ana Cláudia Imaizumi Pereira
Revisão: Marcelo Almada

Sesctv

Direção Executiva: Valter Vicente Sales Filho
Direção de Programação: Regina Gambini
Coordenação de Programação: Juliano de Souza
Coordenação de Comunicação: Adriana Reis
Divulgação: Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

Envie sua opinião, crítica ou sugestão para atendimento@sesc.tv.sescsp.org.br
Leia as edições anteriores em sesc.tv.org.br
Av. Álvaro Ramos, 776. Tel.: (11) 2076-3550



Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado com o selo do FSC® (Forest Stewardship Council®) e de outras fontes controladas. A certificação segue padrões internacionais de controles ambientais e sociais.



Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vídeo com os destaques da programação.

Na sombra da História

Reflexões sobre a história brasileira

Direção: João Batista de Andrade



Cetúlio Vargas na Revolução de 1930. Foto: Divulgação

dia 11/5
SEGUNDA
20h

Assista em sesctv.org.br/aovivo



/SESCVT